

**FIGURAÇÕES DE SABERES TRADICIONAIS
A PARTIR DO CULTIVO DA MANDIOCA NA VILA DE BRASÍLIA
NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA - AM**

Walmir Teixeira de Vasconcelos¹

Orientadora: Prof^a. Dra. Charlene Maria Muniz da Silva²

RESUMO: Neste estudo buscamos analisar qualitativamente, as “Práticas e figurações de saberes tradicionais a partir do cultivo da planta nativa mandioca (*Manihot esculenta*)”. Pesquisa realizada o Universo da Vila de Brasília no Distrito do Estácio, Município de Barreirinha³, onde buscamos compreender os princípios das figurações dos saberes tradicionais no manejo do cultivo da maniva, assim por se tratar de um produto de grande relevância nas vivências da Amazônia, nos propomos conhecer as práticas de cultivo, bem como entender as relações sociais no processo de produção e consumo dos produtos e seus derivados. Quanto ao aporte teórico metodológico, primamos pelas trilhas do pensamento complexo, numa conversação dialógica morianiana a partir da qual foi possível identificar o entrelaçamento social, os hábitos socioculturais, ausências de políticas públicas, e o produto da mandioca reduzido ao consumo local num complexo sistema de figuração de saberes.

Palavras-chave: Figurações; Saberes; Mandioca; Tradicionais.

ABSTRACT: In this study we seek to qualitatively analyze the “Practices and figurations of traditional knowledge from the cultivation of the native plant cassava (*Manihot esculenta*)”. Research carried out in the Universe of Vila de Brasília in the District of Estácio, Municipality of Barreirinha, where we seek to understand the principles of figuration of traditional knowledge in the management of the cultivation of maniva, as it is a product of great relevance in the experiences of the Amazon, in the we propose to know the cultivation practices, as well as understand the social relations in the process of production and consumption of products and their derivatives. As for the methodological theoretical contribution, we prioritized the trails of complex thought, in a Morianian dialogical conversation from which it was possible to identify the social interweaving, sociocultural habits, absence of public policies, and the cassava product reduced to local consumption in a complex system of figuration of knowledge.

Keywords: Figuration; Knowledge; Cassava; Traditional;

¹ Walmir Teixeira de Vasconcelos - É acadêmico do 8º período do Curso de Licenciatura em geografia da Universidade do Estado do Amazonas.

² Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (2015). Possui mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (2009). Fez especialização em Gestão de Políticas Ambientais e graduação em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (2005) e graduação em Administração pela Universidade Federal do Amazonas (2004). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Epistemologia da Geografia e Geografia Agrária, atuando principalmente nos seguintes temas: evolução do pensamento geográfico, teoria e métodos da geografia, territórios rurais, comunidades, modos de vida ribeirinho, agricultura, vilas, gestão ambiental, educação ambiental, geografia cultural, relações entre campo e cidade e meio ambiente. Atualmente é professora adjunta do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado do Amazonas.

³ Barreirinha - é um município brasileiro no interior do Estado do Amazonas, pertencente à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins, localiza-se a leste de Manaus, capital do Estado.

Introdução

Na Amazônia profunda há uma polifonia de saberes no complexo do bioma, nesta pesquisa objetivamos analisar as práticas produtivas de figurações de saberes tradicionais, evidenciando o cultivo da planta nativa, a mandioca (*manihot esculenta*) no Universo da Vila de Brasília no Distrito do Estácio, Município de Barreirinha⁴ no baixo Amazonas, como objetivos específicos, buscamos compreender os princípios agroecológicos no campo da figurações de saberes tradicionais, conhecer as práticas de cultivo, entender as relações socioculturais no complexo sistema de produção do cultivo da maniva de mandioca e seus derivados.

Nesta pesquisa detivemos-nos numa imersão no complexo sistema de saberes vivenciados pelos homens e mulheres detentores de práticas tradicionais construídas na interação do social destes da região do baixo Amazonas, mas para delimitarmos nosso campo de ação de pesquisa, direcionamos nosso olhar para uma análise apreciativa do cultivo da mandioca, enquanto meio de sustentabilidade da cadeia produtiva na Vila de Brasília do Estácio, a tessitura da construção sociocultural, os quais mantem viva as figurações e poderes das vivências.

Em uma rápida abordagem, a maniva da mandioca é uma planta cultivada a centenas de anos pelas etnias da Amazônia, faz parte da estrutura agrícola tradicional, ou seja, toda a riqueza de saberes e atreladas às crenças e mitos Amazônicos, as raízes desta planta, serve como a base da dieta destas populações há anos, bem como os derivados da mandioca que são: farinha de mesa, tucupi, a farinha de tapioca bastante consumida, bem como o polvilho, crueira, a bebida do tarubá, a goma e uma variedade de beijus, tais como: o beiju seco, beiju molhado, o pé de moleque, bem como a maniva.

Comprendemos a grande relevância desta pesquisa, uma vez que os saberes socioculturais nos revelam, um campo fértil e rede de saberes culturais de uma cadeia produtiva, onde o aprendizado está além do saber ocidental atrelado às normas científicas da escola, ou seja, há um enraizamento das experiências vivenciadas, a partir de uma relação de simbiose emotiva e figuracional.

⁴ Barreirinha - é um município brasileiro no interior do Estado do Amazonas, pertencente à Mesorregião do Centro Amazonense e Microrregião de Parintins, localiza-se a leste de Manaus, capital do Estado.

A partir destes pressupostos nos embasamos numa análise metodológica na perspectiva de Morin, uma construção da ética antropológica, vislumbrando uma comunidade destino de interdependência. A amostra desta pesquisa abrangeu 19 moradores da Vila de Brasília do Estácio, onde identificamos que esta é formada por 160 domicílios, 168 famílias e 580 pessoas.

Na construção de uma argumentação agroecológica, como pressupostos teóricos buscando compreender a pluralidade de saberes, mantivemos uma leitura com o pensamento ecológico, como um porto seguro cognitivo, para uma observação da natureza e o sistema produtivo na organização para o trabalho do cultivo da mandioca. A rede de relações trabalhistas e convivências na troca de saberes, guarda uma conexão, mas profunda com o saber e local da cultura.

Se observa que a conexão intersubjetiva dos atores sociais desta comunidade, assim por uma questão ética, para manter sigilo de nomes, adotamos nomes de árvores nativas aos sujeitos pesquisados, estes compartilham o mesmo local cultural, se inscrevem suas experiências e relações parentais e de compadrios.

Portanto, para efeito de organização didática e melhor compreensão conceitual, iniciamos, fazendo uma análise do termo figurações de saberes tradicionais a partir do cultivo da mandioca. Em seguida apresentamos o local da pesquisa, delineando alguns detalhes observados em caderno de anotações da pesquisa, e ainda caracterizando o complexo de várzea e terra-firme, estas são mola mestras para avançar em nossas percepções sobre a Amazônia.

1. Figurações de saberes tradicionais a partir do cultivo da mandioca no Distrito Brasília do Estácio.

Figurações de saberes, surge como um campo do conhecimento e fundamentos ecológicos de agro ecossistemas, nesta perspectiva, iniciamos esta discussão, analisando a dimensão sociocultural da questão, figurações de saberes tradicionais, não se trata simplesmente de um manejo ecológico e sustentável, é uma perspectiva plural, permite dar voz aos sujeitos que vivenciam sistemas tradicionais de produção, podemos dizer que esta perspectiva surge como resposta às novas interpretações, uma ecologia de saberes, parafraseando Boaventura de Souza Santos, primamos por uma sociologia das emergências numa construção social das ausências, principalmente das políticas públicas.

Esta provocação de Santos (2010), marca um ciclo e faz uma denúncia às estruturas de um pensamento árido e colonizador, ao mesmo tempo este vem propor uma prática descolonizadora, dando visibilidades aos saberes socioculturais. Assim, vem potencializar as práticas tradicionais de cultivo, seja para o consumo ou renda.

Boaventura de Souza Santos (2010, p. 53) reporta que a monocultura é oriunda da ciência moderna, e esta é confrontada pela ecologia de saberes a qual nos esclarece que: “é uma ecologia porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna).”

Ao discutir aqui pensamentos e processos mentais, frutos de toda construção epistemológica colonizadora, portanto reducionista, para Vanda Shiva em seu livro *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*, quando simplificamos os agro ecossistemas, é o mesmo que uma tabula rasa da monocultura, segundo a autora, a monocultura começa na mente para depois chegar aos sistemas agrícolas, “na agricultura a mentalidade reducionista criou a safra de monoculturas” (SHIVA, 2003, p.56).

No que tange a figurações e saberes tradicionais, o Sociólogo Norbert Elias (1897-1990), denomina de “teia de interdependência”, estas acontecem nos processos socioculturais de longa duração, são saberes da tradição, adquiridos e interligados. Enfim, as figurações de saberes tradicionais, nos exige a experiência, a vivência direta com a natureza e aquilo que produzimos em nosso cotidiano, a permanência e o pertencimento sociocultural a partir de um produto, está vinculado às nossas percepções sensoriais, nossos sentidos além do corpo, tais como: tato, olfato, paladar, audição e visão.

Os saberes e figurações socioculturais, emergem no cotidiano com muita força, são estruturas e fios do imaginário social que se nutrem nas interações e compartilhamentos do complexo sistemas ecológicos. O sociólogo Michel Maffesoli (2016, p. 136), denomina de “pensamento do ventre”, refletindo sobre um retorno do ser humano a sua base intuitiva da espécie, “o humus”.

É uma perspectiva do ponto de vista ecológico (natureza, corpo e meio ambiente), o qual o mesmo denomina de “Ecosofia”, onde este nos leva a refletir sobre as várias áreas do conhecimento de forma integral, possibilitando um permanente diálogo entre as mesmas, seja a filosofia, economia, sociologia, antropologia, biologia, geografia, história, enfim, uma abordagem multidisciplinar.

Nesta pesquisa identificamos a questão da divisão do trabalho, as tarefas executadas pelas mulheres, nos levam a considerar uma espécie de ecosofia das mulheres ou “ecofeminismo”, estas são identificadas nesta análise como protagonistas, ou seja, não é uma relação de

subalternidade, uma vez que o trabalho desenvolvido na sua maior parte é de relevância social, cultural e econômica, esse empoderamento é notabilizado durante o processo produtivo da cultura da mandioca. Podemos considerar que o alimento diário daqueles sistemas onde há o cultivo da maniva de mandioca, estes têm nos derivados o pão diário.

O princípio do ecofeminismo é baseado no bem viver com a natureza, onde os equilíbrios do ponto vista: físico, espiritual e emocional, são atrelados à mãe terra, o direito às subjetividades, como ponto de resistência em prol do movimento feminista, na perspectiva das relações de poder, Vandana Shiva esclarece:

[...] dominadores, durante séculos subjulgaram e reduziram as suas próprias mulheres ao estatuto de apêndices desajeitados e desintelectualizados, exerceram uma discriminação sobre as mulheres das colônias no acesso à terra, à tecnologia e ao emprego (SHIVA, 1997, p.100).

Neste contexto é de fundamental importância repensar as fontes de riquezas tradicionais, para nos proteger de uma possível erosão mental, ecológica e sociocultural, este ponto de referência é certamente um grito de reivindicação de direito social e cultural pelos bens de nossa mãe terra.

A diversidade cultural o sentido de consumo para a subsistência, característico dos sistemas tradicionais, por si só revela um modo de vida peculiar às suas necessidades de existência, ou seja, cabem em si dentro de seu grupo cultural, nas concepções de Shiva, esta discorre que as: “[...] economias de subsistência que satisfazem as necessidades básicas através do autoaprovisionamento não são pobres no sentido de privação” (SHIVA, 1997, p.98). A potência da vida para estes grupos, é tão somente o deleite de suas provisões básicas, não há necessidade de uma busca incessante da produção desenfreada.

O local de pesquisa também está diretamente impactado pelas atividades produtivas de nosso tempo contemporâneo, porém nesse fluxo de pessoas há os agentes externos que vivem sobre uma outra configuração, como bem atesta, a professora Dra. Charlene Silva (2015, p. 250). “Essas territorialidades estão seriamente ameaçadas pelas constantes pressões sobre os recursos ambientais engendradas por agentes econômicos externos, que degradam os recursos hídricos e florestais, ameaçando diretamente a sustentabilidade socioambiental deste há territórios”.

Se tratando de atividade produtiva na Amazônia, o cultivo da maniva de mandioca, estamos falando de um bem sociocultural, onde os senhores e senhoras deste imenso bioma se entrelaçam num pertencimento, seja por conta produto produzido ou herança cultural, como bem enfatiza Manoel Genildo Pequeno (2022, p. 38):

A mandioca é cultivada em mais de uma centena de diferentes países, ocupando a 14ª posição em área em âmbito mundial e representando cerca de 1,9% da área colhida com atividades agrícolas no mundo, na média de 2015 a 2019, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, s.d.-a). A importância da mandioca também está relacionada a renda gerada e ao consumo humano e animal, bem como ao uso intenso de mão de obra no plantio, nos tratamentos culturais e na colheita.

No Brasil o consumo da farinha mandioca, tem uma significativa importância de cunho tradicional, ou seja, compõe o imaginário étnico, bem como, na questão de produção versus tecnologia, se potencializa a partir de um entendimento dos saberes e figurações sociocultural, considerando a herança étnica, é um produto de circulação nos diversos estados brasileiros, como bem descreve Manoel Genildo Pequeno (2022, p. 281):

O Brasil ocupa posição de destaque no cenário mundial de produção de mandioca. Cultivada em praticamente todos os Estados, a mandioca está entre os oito produtos agrícolas mais cultivados no País, com dois mercados distintos, o de produção de mandioca de mesa e o de produção de mandioca para a indústria. Essa divisão acontece como forma de distinguir cultivares de mandioca com maior ou menor toxicidade.

O fato de ser um produto que transita em todos os estados do Brasil, embora em alguns ganham mais destaque como o Estado do Pará, Bahia, Maranhão, Acre e Amazonas. Em função de fatores climáticos e fortes danos ambientais, o volume de produção tem sofrido grande impacto. Embora esses fatores sejam determinantes para a diminuição ou aumento produtivo, a cultura da mandioca tem atravessado gerações, diversas intempéries naturais e se mantido no quadro dos produtos da história brasileira.

Identificando o *locus* de pesquisa

O local da pesquisa concentrou-se no Distrito de Brasília do Estácio, geograficamente está localizado no estado do Amazonas, mais especificamente a oeste da cidade de Barreirinha, situado à margem direita do Paraná do Ramos. O principal meio de locomoção para o Distrito, são embarcações de pequeno porte (motores, lanchas, canoas). Há que se destacar que geograficamente é de difícil acesso, uma vez que o igarapé⁵ do Lago do Estácio que dá acesso

⁵ Um igarapé é um curso d'água amazônico de primeira ou em terceira ordem, constituído por um braço longo de rio ou canal. Existe em pequeno número na bacia amazônica, caracterizados por pouca profundidade e por correrem quase no interior da mata. A maioria dos igarapés tem águas escuras semelhantes às do rio Negro, um dos principais afluentes do rio Amazonas, transportando poucos sedimentos. São navegáveis por pequenas embarcações e canoas e desempenham um importante papel como vias de transporte e comunicação.

ao Distrito de Brasília, fica numa área de várzea⁶, dá acesso entre os meses de de janeiro a setembro, mas nos meses de agosto a dezembro, há a vazante do ciclo de várzea, deixa de ser uma rota fluvial e passa a ser rota de acesso terrestre, porém, durante todo o ano há uma estrada, ainda que não bem estruturada, mas que dá acesso ao Distrito de Pedras que fica às margens do Paraná do Ramos.

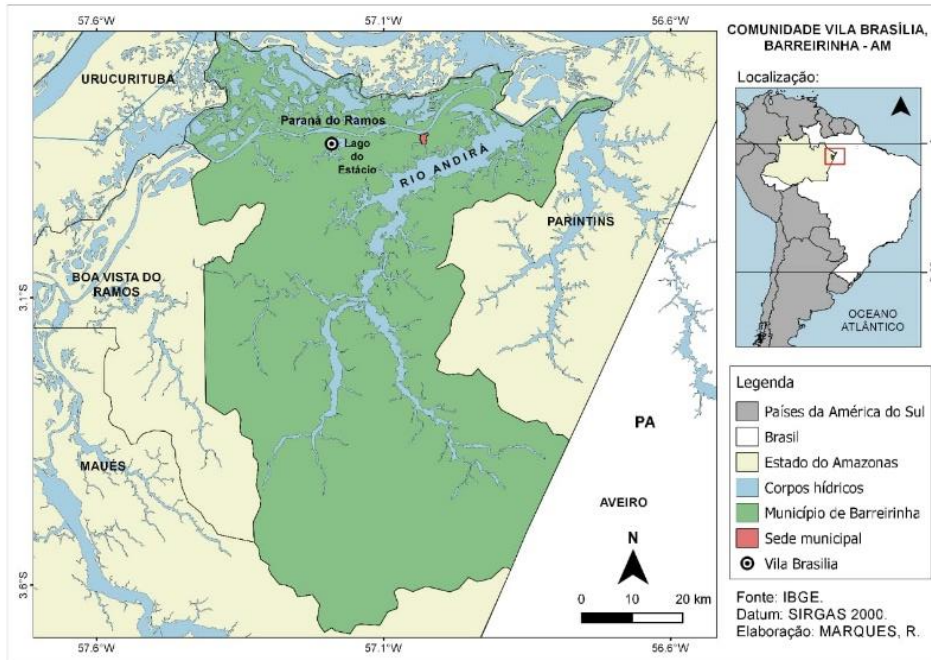


Figura 01 -Comunidade Vila Brasília Barreirinha - AM
Fonte: IBGE 2020

No universo de pesquisa, a Vila de Brasília no Distrito do Estácio, Município de Barreirinha, está localizada numa área de terra-firme⁷, portanto, o escoamento da farinha de mandioca para a comercialização, passa por estas redes de transporte, seja fluvial e terrestre, embora se conclua que neste estudo, quanto ao consumo e comercialização do produto, há discordâncias, uma vez que o produto é a base da alimentação local, ou seja, um percentual mínimo para a comercialização, bem como o sistema de troca do produto.

⁶ Várzea é um tipo de vegetação característico da Amazônia, que ocorre ao longo dos rios e planícies inundáveis. Esse ambiente é periodicamente inundado e está sob o regime hidrológico do Rio Amazonas e de seus tributários mais próximos, por isso é bastante dinâmico, sendo constantemente remodelado pelos rios.

⁷ Florestas de terra firme são florestas que se desenvolvem em áreas que não estão sujeitas a inundações por estarem situadas em uma região mais elevada do relevo amazônico. Essa característica favorece a proliferação de árvores de grande porte, podendo alcançar até 60 metros de altura.

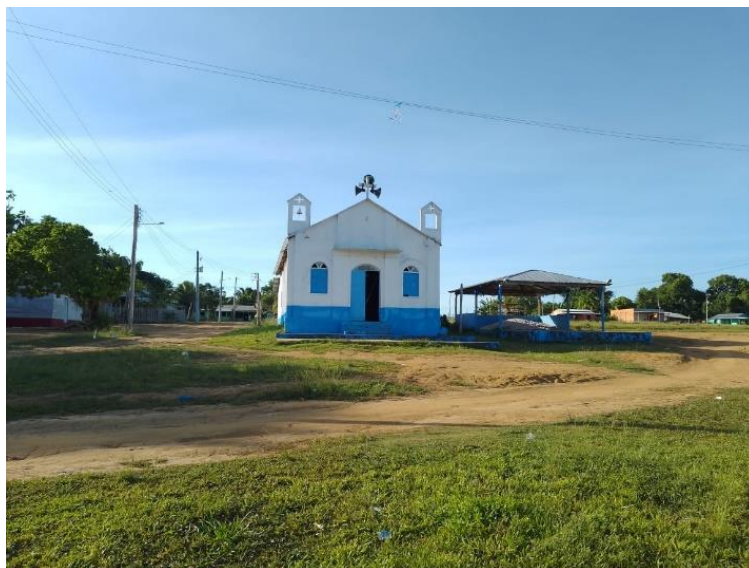


Figura 02 - Igreja “Nossa Senhora do Livramento”
Fonte: Walmir Vasconcelos – 2023

A religião católica é predominante no Distrito de Brasília Vila do Estácio, a padroeira é a “Nossa Senhora do Livramento” acima na figura 02 foto da Igreja.



Figura 03 – Escola Municipal “Nossa Senhora do Livramento”
Fonte: Walmir Vasconcelos – 2023

A Escola Municipal Nossa Senhora do Livramento está situada na Rua Amazonas S/N Distrito de Brasília do Estácio no Município de Barreirinha, foi oficialmente legitimada pelo Decreto Municipal nº 010 de 22 de fevereiro do ano de 1995 sob a gestão do Prefeito Gilvan Geraldo de Aquino Seixas. A escola recebeu este nome em homenagem à padroeira do Distrito, denominada “Nossa Senhora do Livramento”. O professor Dorivan Marques dos Santos, foi o primeiro coordenador, atuando entre os anos de 2002 a 2003, atualmente o estabelecimento de ensino está sob a gestão de Helen Cristina Carvalho Monteiro.

Metodologia

Esta pesquisa utilizou-se de uma abordagem qualitativa, a partir de um estudo de caso das “Práticas e figurações de saberes tradicionais a partir do cultivo da planta nativa mandioca (*Manihot esculenta*)”. O universo pesquisado foi uma área de terra-firme na Vila de Brasília no Distrito do Estácio, Município de Barreirinha. O suporte teórico desta abordagem de Estudo de Caso, tivemos os pressupostos de Gil (2009), o qual nos informa que: na coleta e análise de informações voltadas para o estudo de alguma pessoa, coletivo, situação ou comunidade.

Para efeito de compreensão maior da temática fizemos uma incessante busca teórica epistemológica de referências a este estudo, bem como constantes idas e vindas no campo de pesquisa, onde descrevemos os pontos observados em caderno de campo, e assim deliameos nossos objetivos específicos, tais como: compreender os princípios agroecológicos no campo das figurações de saberes tradicionais, conhecer as práticas de cultivo, entender as relações socioculturais no complexo sistema de produção do cultivo da maniva de mandioca e seus derivados. Foi uma abordagem dialógica morianiana a partir da qual foi possível identificar o entrelaçamento social, os hábitos socioculturais, ausências de políticas públicas, e o produto da mandioca reduzido ao consumo local num complexo sistema de figurações de saberes.

Nesta rede de conversação e observações diretas, foram registradas narrativas orais de moradores da Vila de Brasília do Estácio, foram pré-selecionados aqueles que trabalham no cultivo da maniva e produção de farinha de mandioca, quanto às observações pontuais no caderno de campo, registramos o dia a dia dos moradores, suas idas e vindas das roças, as rodas de conversas no momento de cada etapa do trabalho co a farinha de mandioca e seus derivados. Na observação participante houve uma interação com os produtores, nas diversas conversas seguimos com um roteiro de questionamentos e registros fotográficos e de anotações.

No intuito de preservar identidade de moradores, as nossas identificações de narrativas estão nomeadas por nomes de árvores nativas de terra-firme, estas observadas no contexto das vivências da Vila de Brasília do Estácio. Destacamos também que as mulheres representam a maioria dos sujeitos da pesquisa, identificando no *locus* de nosso estudo, a presença destas com muita frequência, estas sempre bem envolvidas com cada etapa do trabalho na produção de farinha, embora homens também fazem partes do trabalho. Enfatizando que, a pesquisa foi toda concentrada na Vila de Brasília do Estácio no Município de Barreirinha

Análise e discussão dos resultados

No Distrito de Brasília do Estácio, o aprendizado e os saberes adquiridos com seus pares comunitários são fios condutores da continuidade do cultivo da mandioca. Uma das pesquisadas, a Senhora Castanheira (53 anos), revela que nessa “teia de relações”, há a prática do “puxirum ou ajuri⁸, é um momento muito importante no cultivo e produção farinha de mandioca, pois acontece uma união entre a família e um compromisso com a produção do outro” (entrevista, 2023).

É característica primordial da agricultura tradicional, a prática dos puxiruns, é uma forma estrutural do trabalho das roças na terra-firme aqui identificada, daí surgem peculiaridades destes grupos, que só identificamos nas redes de conversas, comuns nos momentos de descascar as mandiocas, se confidenciam segredos, trajetórias, enfim, se constituem em função desse estar juntos, os vínculos afetivos como prática que fundamenta os laços familiares.

O estar junto num momento de produção, se torna o meio fecundo do fortalecimento familiar, este ponto de discussão dialógica, nos levou a questionarmos sobre a importância de se manter os laços familiares em torno de uma produção. A Senhora Castanheira, demonstrou muita alegria e conhecimento profundo de algo a mais que a produção da farinha ao dizer: “em volta de uma canoa descascamos a mandioca, mas também confidenciamos nossas histórias, nos tornamos mais confidentes uma da outra, e essa conversa nos tira o peso de nossos problemas por aqui”. Neste diálogo, se descreve saberes de ordem psíquica e socioemocional, identifica-se vínculos fortalecidos na confiança dos segredos, assim operam laços de compadrios e o sentido maior de comunidade emocional.

Aqueles que fazem parte de um puxirum, geralmente são pessoas convidadas por terem afinidades pessoais, se forma uma comunidade em torno de um produto, nesse meio termo de ajuda mútua, estão os adultos e crianças, cada um cumpre um papel no cultivo da mandioca. A Senhora Castanheira relata que: “no puxirum todos trabalham, as crianças ficam responsáveis em ir buscar água para os trabalhadores, uns vigiam uns aos outros porque os pais estão trabalhando, e uns fazem pequenas tarefas e vão aprendendo fazendo o trabalho”, este é certamente um rico relato de Figurações de saberes, muito peculiar do sistema tradicional de produção.

⁸ O termo puxirum é utilizado na região do Baixo Amazonas. O termo ajuri é utilizado na região do Alto Rio Negro.

Há, porém, descontentamentos, problemáticas nestas vivências, onde se questiona a continuidade do sistema tradicional de produção ou seu desaparecimento, a senhora Castanheira, afirma: “a nova geração, vem nos trazendo as fragilidades de se manter viva a tradição no cultivo da mandioca, uma vez que os mais jovens não se interessam cultivar”, eis o papel da ciência em intermediar processos produtivos. Vale ressaltar que na intenção de manter o projeto da cultura de dominação colonial se invisibilizou saberes, tais como afirma, Boaventura de Souza Santos:

Reduziu os saberes locais, a saberes subalternos, cometendo o epistemicídio, ou seja, à destruição de algumas formas de saberes locais, a inferiorizarão de outros, desperdiçando, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza das perspectivas presentes na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas (SANTOS, 2010).

Há uma necessidade econômica para os moradores na questão da renda e consumo, mas entendemos que é necessário rever novas formas que estejam vinculadas ao cultivo da mandioca, e assim manter viva o sistema agrícola tradicional. Ao ser perguntado sobre as novas formas agroecológicas, ou seja, para resolver situações de renda para a economia das famílias, a estratégia é o cruzamento de novas variedades de manivas de mandioca, a Senhora Palmeira, declara que: “é importante termos uma renda fruto de nossa produção, mas certamente perderemos nossa legitimidade”. É uma questão de nosso tempo contemporâneo, essa mudança atrelada a novos ciclos produtivos, bem como novas técnicas, podem ser favoráveis para manter viva a identidade sociocultural.

Perguntado a Senhora Palmeira (58 anos), sobre as práticas de cultivo da mandioca, se houve avanços ou retrocessos, esta declara que: “as coivaras⁹ são proibidas, é uma cobrança dos programas ambientais, mas é de costume preparar a roça, fazendo coivaras”, estes acreditam que as cinzas fertilizam a terra. Em nossas idas e vindas nas roças da área de pesquisa, foi possível ver o processo de derrubada de árvores, corte de galhos, e a queimada, onde os trabalhadores da roça, fazem aqueles amontoados de arvores derrubadas, estes espaços onde será feito a plantação da maniva da mandioca, se percebe a satisfação do grupo ao

⁹ A “coivara” geralmente é feita de acordo com as áreas que não foram bem queimadas anteriormente, sendo também uma área cheia de muitos tocos, objetivando queimar novamente aquela área, que sem a “coivara” seria inútil para a plantação, além da limpeza em seu entorno, como também sistema de “corte e queima”, “roça de toco”.

ver o espaço da plantação um campo limpo, e utilizando as palavras da Senhora Palmeira: “o capoeirão foi embora”, esta seria a vegetação secundária, agora inexistente.

O sentimento de pertencimento e figuração de poder familiar no processo produtivo, certamente mantém vivo a operacionalização das práticas oriunda de saberes tradicionais, como bem descreve em sua Tese, Charlene Silva (2015, p.102): “o “roçado”, para os agricultores do Zé Açu, tem um valor sentimental e social devido ser o local que reúne os saberes construídos ao longo dos anos no convívio com seus familiares, compartilhando seus conhecimentos sobre o manuseio do solo e das plantas”. Ambas pesquisas realizadas no Baixo Amazonas, se percebe o mesmo sentimento.

Certamente as práticas tradicionais de cultivo, levam a discussões amplas na questão das problemáticas ambientais, por outro lado o fio condutor de uma conexão mais ampla com a natureza e, a saída como estratégia de minimizar impactos da degradação ambiental, esse entendimento é reconhecido pelo sociólogo Maffesoli (2005), “reconhecemos o sensível e as implicações de seus efeitos como parte da natureza humana”. Podemos dizer que há verdades ambientais no que diz respeito a responsabilidades, onde as medidas de preservação muitas vezes são paliativas por não envolver aqueles que com a natureza convivem e possibilitam um entrelaçamento cultural mais amplo, daí a necessidade de diálogo com os saberes tradicionais.

Ressaltamos também, que a Mandioca é originária da América do Sul, próprio de áreas tropicais, por conseguinte, faz parte de uma estrutura do cardápio, é um dos principais alimentos, uma das maiores produções mundiais. A mandioca é uma espécie nativa do Brasil presente em todo território nacional. Constitui-se num alimento em potencial exclusivo na mesa do brasileiro, seja por se tratar de sua origem sociocultural, e condições sociais, atrelados as figurações, ou seja, faz parte dos hábitos, costumes e modos de vida, “é considerada uma planta completa com suas raízes ricas em carboidratos, e folhas ricas em proteínas, vitaminas A e C, além de outros nutrientes”. (FUKUDA, 2006). Este autor, nos fornece dados da produção da mandioca, bem como os dados industriais e expectativas quanto ao mercado nacional e internacional. Considerando que os valores só aumentam em produtividade.

A estimativa de produção brasileira de raiz de mandioca para o ano de 2022, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção (LSPA) de janeiro/2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, é de 18,03 milhões de toneladas, colhidas em uma área total de 1,24 milhão de hectares” (FUKUDA, 2006).

As expectativas e maximização e potencialidades de produção de raiz de mandioca na Amazônia, são as melhores possíveis, além de ter uma significativa importância na base alimentar das famílias, revela possibilidades estratégicas na questão demográfica, uma vez que além do consumo produz renda, e este último é fator decisivo para a política social de manter o homem no campo.

Hoje se propaga muito a questão do empreendedorismo, as famílias já veem com bons olhos as alternativas de potencializar a produção da mandioca, pois além da farinha há os seus derivados, que hoje é potencializado pela indústria alimentícia do turismo regional. O nível de investimento é viável aos moradores da Vila de Brasília do lago do Estácio, pois seus terrenos em seu entorno, são pontos estratégicos para este bem cultural e econômico, ou seja, a mandioca da farinha.

Nas sábias palavras da Senhora Murici (58 anos), “trabalhar em fazer farinha de mandioca para nossa família, é muito mais que ter em nosso prato a nossa base de alimento, mas também nos mantém juntos, fazendo há anos aquilo que mais gostamos”, aqui há uma clara demonstração do tecer junto, de uma atividade muito mais que um trabalho, é um sentido de valorização de algo que os mantém num elo cultural seguro.

Segundo as palavras da Senhora Murici, “temos familiares nas várzeas e na terra-firme, vivemos nesse vai e vem de enchente e vazante, e aproveitamos para cultivar, até porque na várzea se faz uma roça que produz de 6 a 8 meses, a terra é mais fértil”, se observa todo um conhecimento do ecossistema Amazônico, conhecem os diversos produtos de acordo com a qualidade e tempo da terra mãe, por exemplo, a Senhora Maniva afirma que: “o período de produção na terra-firme é diferente, temos uma terra mais seca, não tem a umidade que tem na várzea, daí porque para fazer um roçado, dura em média de 12 a 16 meses.



Figura 02 - Fonte: Walmir Vasconcelos – foto de uma roça

Há que considerarmos um conjunto de fatores na potencialização da produção da farinha de mandioca, bem como na quase aniquilação de sua produção, pois nesta pesquisa detectamos que as famílias que trabalham na produção de farinha de mandioca, são aquelas tradicionais, mas os mais jovens nem sempre seguem esse perfil de produção, considerando que outras atividades mais rentáveis e rápidas vem tirando as famílias deste ciclo econômico, tais como a pecuária, onde produzem o queijo e a própria venda e compra de gado de corte, os comerciantes das mais diversas atividades, uma vez que a energia elétrica vem chegando em todas as localidades.

Identificamos a ausência de políticas públicas que pudessem subsidiar estratégias de manter o homem no campo, há iniciativas dos próprios moradores que vem discutindo a construção da casa de farinha de uso comunitário geral, onde se pensa ter os fornos, tipitis, peneiras, remos de mexer, rodo, cuia, paneiros, gareras, enfim toda a estrutura necessária para a produção de farinha de mandioca.

A Senhora Laranjeira (58 anos), descreve a estrutura tradicional, mas necessária para o ato de fazer a farinha após a colheita da raiz da mandioca:

Escolhemos um local para fazer o roçado, quando é uma capoeira, geralmente fazemos aquele ajuntamento, o puxirum e derrubamos a capoeira, fazemos pequenos amontoados dos tocos e galhos de árvores, deixamos secar e fazemos a queimada, fica só aquela cinza, após uma chuva, sabemos que está pronto o local para o plantio, utilizamos um ferro de cova, terçado, enxada e fazemos o plantio da maniva, para o capim não tomar conta, é importante fazer as capinas sempre que necessário, geralmente duas ou três vezes.

Certamente, pela experiência adquirida, se desenvolvem figurações, ou seja, técnicas no plantio, tratamento da roça, saberes para com o uso do solo e proteção contra as possíveis pragas, o próprio espaçamento entre as maniveiras, enfim o passo a passo na produção da farinha de mandioca, como bem destaca a Senhora Laranjeira (58 anos):

Após em média oito meses já é possível ter raízes de mandioca prontas para serem arrancadas, se for farinha do tipo d'água, descasca-se e se coloca na água para amolecer, no outro dia arranca-se outras raízes, e descasca-se, e se faz a trituração em máquina apropriada. Após esse processo se faz a mistura destas em uma garera, em média três dias se coloca no tipiti para tirar o tucupi, posteriormente, aquela massa é peneirada, nesse processo se tira a crueira, essa massa vai ao forno, se mexe com remo, rodo e cuia, até ficar bem torrada e própria para o consumo.

Durante todo o processo de pesquisa, observando os detalhes da produção, e ao mesmo tempo as interrelações, destacamos que o humor, as brincadeiras, as piadas e causos locais, faz parte de toda essa conjuntura em torno no da produção da farinha de mandioca, se fortalecem as relações de compadrios, redes de confiança no outro, onde compartilham seus problemas do cotidiano, seus sonhos, suas expectativas,



Figura 3: Processo de produção de farinha, mulheres na garera
Fonte: Walmir Vasconcelos - 2023

Esta foto, revela as etapas no processo produtivo já na casa de produção da farinha, onde as várias etapas se desenvolvem, ao meio temos a imagem de uma garera, a qual é feito de madeira, muitos aproveitam as pequenas embarcações que não utilizam mais e fazem de garera.



Figura 4: Mulher preparando a massa da farinha
Fonte: Walmir Vasconcelos -2023

Nesta imagem, temos o forno de torrar a farinha, o qual tem o formato de um círculo, a estrutura que mantém esse forno é de barro e feito um atracamento da parede do forno feito de madeira, a cobertura desse barracão de pequeno porte, é feito de palha colhida da própria região.



Figura 5: Mulher fazendo uma fornada de farinha na Vila da Brasília
Fonte: Walmir Vasconcelos - 2023

Se mergulharmos na antropologia do sensível, numa perspectiva sociológica e cultural, podemos arguir que, há uma profunda discussão entre resistência das populações tradicionais, modos de viver, que impacta diretamente na economia das comunidades, vilas e distritos da Amazônia. Podemos notar que nos manuscritos econômico e filosóficos de Karl Marx, que a relação entre produto e trabalho faz parte da condição humana, seja de sua liberdade, prazer ou alienação, podemos constatar que é também uma condição da evolução humana a forma de produzir e de existir a partir do objeto de sua própria produção.

Quanto a questão de consumo e renda, concluímos que 90% da farinha é para o próprio consumo das famílias, e neste percentual se incluem as trocas por algum outro produto, somente 10% para a comercialização. Podemos considerar em nossa análise, o que leva a desencadear estes fatores, podemos destacar a ausência de políticas públicas, onde os órgãos de fomento aos produtores, não fomentam incentivo e acompanhamento sistemático no processo produtivo.

Ao nos depararmos com um dos dados da pesquisa, detectamos que no que tange ao consumo e comercialização, pouco se comercializa, daí a discussão acima nos revela que podemos inferir que em parte, a não comercialização, pode ser fruto da relação íntima com o produto produzido, uma vez que está entrelaçado com os sistema de crenças e mitos da cultura da maniva, embora tenham vivenciados muitas etapas de mudanças, mas seus saberes resistem ao tempo, há uma relação de pertencimento de várias gerações, não é só o modo de plantar e colher, mas um complexo sistema de técnicas produtivas, tais como, o tempo certo, a forma de tratar a maniva, a casa de produção, o forno, a relação familiar em torno de todo processamento.

Nesta conjuntura compreendemos que fazer uma análise acerca de um produto, é também nos limitar ao complexo da vida no bioma Amazônico, como bem salienta Charlene Silva (2015, p.20):

É importante conhecer a Amazônia a partir de suas dimensões ecológicas, físico geográficas; humana; seu viés econômico, cultural e social; seus espaços rurais, urbanos, cidades, vilas, comunidades e territórios. Porém, um estudo assim, em um único trabalho, seria inviável, pois trata-se de um trabalho grandioso [...].”

Nesse sentido para efeito de delimitação de nossas análises, primamos pelo cultivo da maniva da mandioca, nesse simples recorte, ainda detectamos a amplitude do tema e suas especificidades da relação humana como bioma. No caso da Amazônia há um acervo multifacetado de experiências que estruturam modos de vida na relação “homem/natureza/sociedade ou indivíduo/espécie/cultura” como advoga Morin (2000). Podemos dizer que neste imenso laboratório em céu aberto há infinitas possibilidades da atenção acadêmica, é uma incessante busca.

Considerações finais

Podemos considerar que o resultado desta pesquisa foi bastante impactante e significativo, ampliou nossa percepção conceitual de cultura e pertencimento de sistemas tradicionais de cultivo e redes de saberes, evidenciando-se que a humanização social se dá nesse conjunto de construção sociocultural, uma vez que a relação, natureza, homem e cultura, são fios de relações complementares entre si, ou seja, nada é isolado. Destacamos ainda, as ausências de políticas públicas, pois uma ação política, organizada e transparente, poderia estimular a potencializar uma rede de produção de farinha de mandioca e seus derivados.

Para as famílias que acompanham todo o processo é perfeitamente normal, dizerem que aprenderam fazendo farinha com seus pais, tios e avós, ou seja, se confirma o fenômeno cultural da figuração de poder, o aprendizado pela prática, e domínio dos sistemas de saberes. Este domínio, vem sendo operacionalizado pelos diversos cursos nas universidades, oriundo de visões de um pensamento da diversidade sociocultural, a partir desta constatação, podemos refutar que através da ampliação das discussões do sistema produtivo, e ao mesmo tempo resgatar e resguardar experiências em torno deste produto, ou seja a cultura da produção de farinha de mandioca.

O aprendizado com esta temática é de enorme significado, uma vez que compreendemos que entre o trabalho e a natureza estão, mulheres, homens e crianças, que constroem seus valores, comunicam seus devaneios e sonhos entre si, um entrelaçamento de confiança mútua, que ganha sentido maior e simbólico de espírito de grupo e família. Há certamente rupturas, ou seja, novos caminhos para os jovens, em função de novas atividades que surgem no mundo moderno, mas que os saberes não se subordinam à produção da maquinofatura no sentido de humanização dos seres em construção.

Compreendemos nesta pesquisa que no ceio familiar, a figuração, ou seja, o aprendizado das crianças e jovens se dão no ato de fazer com os adultos, se constroem experiências na tradição do núcleo familiar, há uma legitimidade cognitiva do fazer e aprender, num entrelaçamento com o meio vivenciado. Se produz uma rede de saberes da relação com a natureza numa sinergia sincronizada que vislumbra possibilidades de se compreender a Amazônia e nesta intervir, a partir dos saberes tradicionais.

Referências

- ARENDDT, Hannah, 1906-1975 ... 9. ed. **A condição humana** / Hannah Arendt; tradução de Roberto Raposo - 9. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Traduzindo por Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994b.
- EMBRAPA. **A Cultura da Mandioca**, p. 14-19. 2015.
- FERNANDES, L. F. **Avaliação do Desenvolvimento de Mandioca consorciada com Girassol e Feijão Caupi**. 2015. 76 f. DISSERTAÇÃO (Mestrado em ciências Agrárias) - UNEB, Bahia, 2015.
- FUKUDA, W. M. G.; **Desenvolvimento da Indústria de Fécula de Mandioca no Brasil tem Demandado Novas Variedades com Teores de Amido Mais Elevados nas Raízes e Qualidade que Agregue Valores ao Produto**. Revista Bahia Agrícola, v. 7, n. 3, nov. 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Matos, Gláucio Campos Gomes de. **Práticas socioculturais, figuração, poder e diferenciação em Bico, Cuiamucu e Canela-Fina – Comunidades Amazônicas** / Gláucio Campos Gomes de Matos. - Campinas, SP: [s.n], 2008.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1964.
- Maffesoli, Michel. **Elogio da razão sensível**. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2005.
- _____. Michel. **A ordem das coisas: pensar a pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.
- MENDONÇA, Ana Waley - organizadora; **Metodologia para estudo de caso: livro didático / design instrucional** Marina Cabeda Egger Moellwald, revisor Diane Dal Mago. – Palhoça : UnisulVirtual, 2014..
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Traduzido por Catarina Eleonora F. da Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.
- MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Tradução de Juremir Machado da Silva. 3ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- PEQUENO Manoel Genildo. **Mandioca: do plantio à colheita/organização...** [et al.]. organizadores: Pedro Soares Vidigal Filho, Alex Henrique Tiene Ortiz, Manoel Genildo Pequeno 1. ed. -- São Paulo: Oficina de Textos, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** Porto: Afrontamento, 2000.

_____. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula [orgs.]. **Epistemologias do Sul** – São Paulo: Cortez, 2010.

SHIVA, Vandana. **O empobrecimento do ambiente: as mulheres e as crianças para o fim.** In: MIES, Maria; _____. **Ecofeminismo.** Tradução Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gaia, 2003.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.** Porto Alegre. V.1, n.1. jan/mar 2000.

Silva, Charlene Maria Muniz da. **Territorialidades rurais no Município de Parintins: habitus, circularidade da cultura e ethos ambiental na localidade do zé açu** / Charlene Maria Muniz da Silva. 2015.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica; estudos do homem nos trópicos.** 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.